

Bettencourt, Mathews d'Andrade de Albuquerque de

(n. São Miguel, c. 1895 - m. São Miguel, 1974)

Nascido em São Miguel (Açores) no seio de família aristocrata, Mathews d'Andrade Albuquerque não frequentou escolas mas obteve, através de lições particulares, estudo e investigação própria, formação científica e filosófica assaz sofisticada; na juventude, passou diversas temporadas na Suíça, na Alemanha, em França e em Inglaterra e, por volta de 1930, fixou-se definitivamente na ilha natal, mantendo correspondência com diversos interlocutores portugueses e estrangeiros, filósofos e matemáticos, entre outros, Bertrand Russell.

Membro desde 1916 da Sociedade Química Portuguesa, os seus interesses parecem ter-se inicialmente concentrado em questões de química e de física, realizando diversas experiências num laboratório que ele próprio montou, cujos resultados e problematização apresentou em diversos artigos: «Sobre uma relação entre os espectros de absorpção visíveis de alguns metais nos seus derivados: $M^{IV} X_4$, X'_2 (M_2) $^{VI} X'_6$ (sais de sesquioxido)» (*Revista da Química pura e aplicada*, 1916); «Oleatos e estearatos (sabões) de alguns metais» (*Revista da Química pura e aplicada*, 1916); «A variação dos calores atômicos em função da temperatura» (Ed. autor, 1918); «A afinidade residual» (*Revista da Química pura e aplicada*, 1919). Estes estudos juvenis, que revelam, não apenas um domínio do método experimental, mas uma informação atualizada das teorias científicas, em particular da mecânica quântica, não são separáveis das preocupações morais, religiosas e metafísicas que expôs no opúsculo *Les bases nouvelles de la croyance*

(*Contre le Matérialisme Atomiste*) (Ed. autor, 1916). Recusando a apropriação da ciência pelo materialismo, propugnando um conceito de evolução que integrasse a religião e a ciência, Mathews d'Andrade Albuquerque defende um conceito de «persistência» como índice da progressão moral: «Nous avons ainsi de bonnes raisons pour croire à l'existence de l'âme; les avons nous, aussi, pour son immortalité. Quant à moi, la réponse est positive. En effet, si le témoignage de tout l'évolution n'est pas un leurre, en épouvantable mensonge, en pure perte, il faut bien admettre une persistence base de tout progrès, analogique avec celui des formes corporelles. Et notez bien que ce serait le meilleur moyen d'expliquer toutes ces innombrables formes d'atavisme homotopique et homochronique même matériel, ce dernier, que la science laisse incompréhensible malgré les efforts du déterminisme. Et entre nous, ces *explications simplistes de structures déterminant des actions, des penchants, des pensées, qui s'épanouissent seulement au cours de la vie de l'individu; et résistant jusqu'à leur date à si bien d'actions destructives; comment, pourquoi? Vraiment il fallait descendre aux atomes, pour avoir des causes (en nombre) de leur déterminisme; ce-là est impossible, ils sont d'un ordre trop petit pour ce-là.* Nous avons vu que la Morale doit pour être vraie s'étendre non seulement sur l'actuel mais sur le potentiel de l'individu; si on rapproche de cette donnée la possibilité d'une persistance de la partie plus noble de nous mêmes au-delà la Mort, on doit conclure que la Morale en tant qu'elle vise à l'intégralité de l'idéal individuel, *constitue un acte de foi et d'adoration envers ceux qui ont déjà dépassé le stade humain.* Ainsi, sommes nous amenés vers la Religion: et le culte des justes, des parfaits,